



A INTERNACIONAL SITUACIONISTA E A CRÍTICA AO URBANISMO NA RECONSTRUÇÃO EUROPÉIA DO PÓS-GUERRA

André Abreu da Silva; Cláudio Hiro Arasawa (orientador) – História
2006116988@pic.ung.br

PALAVRAS-CHAVE: História Contemporânea. Contracultura. Urbanismo. Política.

O movimento Internacional Situacionista surgiu em julho de 1957 no cenário europeu do pós-guerra, da consolidação do domínio do modo de produção capitalista no ocidente e da ininterrupta prosperidade econômica no período, que tornou possível nestes países o Estado de bem-estar social. A reconstrução das cidades e as constantes modificações nas paisagens urbanas européias, atendendo a essas novas demandas, executadas pelas tecnocracias oficiais, e sem levar em conta as necessidades subjetivas e os desejos dos indivíduos, foram os primeiros focos das críticas e reflexões do movimento. Após o abandono do pensamento urbano situacionista a partir de 1961, as suas atividades e produções dirigiram-se exclusivamente para as exigências nas mudanças infra-estruturais da sociedade, sobretudo na observada questão da ascensão econômica opressora do capitalismo. Com o passar do tempo e uma visibilidade cada vez mais crescente, principalmente pelos textos e manifestos dissertados pelos membros, denunciando cada vez mais a miséria cultural vivenciada pela sociedade, influenciaram de maneira significativa os acontecimentos ocorridos no início do Maio de 1968, na cidade de Paris, na França, que trouxe profundas reflexões e questionamentos de importância histórica imensuráveis sobre os rumos da estabilização de uma estruturação organizacional imposta a toda sociedade ocidental no período. A crítica fundamental da IS ao urbanismo como ideologia imposta atingia de forma direta a esfera tecnicista, que valorizava entre outras coisas a questão da separação de funções sociais na estruturação das cidades, principalmente pelo funcionalismo, e que impôs de maneira significativa uma solidificação comportamental caracterizada por ações cada vez mais individualistas e alienadas, por meio da construção e do direcionamento dos fluxos e das relações sociais urbanas. Uma ferramenta eficaz de controle do cotidiano pelo Estado, que legitimou a atual infra-estrutura social. Toda a denúncia realizada pela IS das tentativas dos poderes dominantes, por meio do urbanismo, de se introduzir uma padronização social e a redução das necessidades dos indivíduos, terá nesta pesquisa o seu principal fim. Nesse sentido, faz-se necessária uma reflexão acadêmica sobre o tema pelo emprego de investigações maiores acerca da visão crítica da IS na reconstrução das cidades européias naquele contexto, e a forma como esses modelos podem ter influenciado as esferas técnicas e o urbanismo brasileiro na tarefa de executar e legitimar a consolidação da paisagem das cidades locais. Com o desenrolar do projeto, pode-se criar um grupo de estudos para a análise e renovação dialética dessas teorias e conceitos, adaptadas para o nosso atual recorte histórico e buscar nos textos e documentos disponíveis sobre o tema idéias para análise sobre os rumos do atual modo de organização das grandes cidades brasileiras e seus efeitos no comportamento social dos indivíduos. Os resultados obtidos pelas respostas às hipóteses exploratórias citadas no projeto irão contribuir de maneira efetiva na compreensão do tema e na construção do conhecimento histórico aos interessados nesta pesquisa, e irá somar ainda mais à vasta reunião de produções científicas e acadêmicas.

Projeto elaborado com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Guarulhos – PIBIC UnG (Rodada I-2008).